

Interesse não falta. Mas como converter?

O grupo financeiro norte-americano **Banker's Trust**, credor de US\$ 900 milhões do Brasil, está interessado em converter parte desse crédito em investimento no País, segundo informação de Pedro Farah, gerente de negócios corporativos do Banco Iochpe de Investimento, associado do **Banker's Trust**. Farah disse que o banco norte-americano já possui experiência de conversão de parte da dívida em capital de risco no México e no Chile. Além disso, lidera a compra e venda de papéis de países latino-americanos nos Estados Unidos. Ainda segundo Farah, o banco dará preferência a setores da economia brasileira, como no comércio exterior, que possibilitem a contrapartida de obtenção de dólares.

Atualmente, segundo o diretor do Banco Iochpe, a principal dificuldade para concretizar a conversão de parte da dívida externa brasileira é a inexistência de regras que a definam. No Chile, onde essas regras já foram estabelecidas, o **Banker's Trust** participa de três projetos.

Perspectivas

Um estudo realizado pelo Instituto Interamericano de Mercados de Capital, com sede em Caracas, informa que os programas de conversão e capitalização da dívida externa dos países da América Latina poderão resultar em um aumento de 4 a 5% ao ano na capitalização total dos países da região. O estudo foi divulgado ontem, no Rio, na 12ª Conferência Anual da Organização Internacional das Comissões de Valores.

O estudo assinala que, segundo os dados mais recentes da **International Financial Corporation** (IFC), ligada ao Banco Mundial, a capitalização total dos mercados acionários da Argentina, Brasil, México, Chile, Colômbia e Venezuela atingia um valor aproximado de US\$ 54 bilhões. Isso significa que, de acordo com estimativas da IFC, o aumento líquido da capitalização desses mercados por conta dos novos programas poderá chegar a US\$ 2 bilhões ou US\$ 3 bilhões anuais.

O estudo levanta ainda a situação atual e o histórico dos programas de conversão da dívida no continente. Destaca que, no caso do Brasil, a idéia surgiu na década de 70, "quando algumas empresas multinacionais com operações no País adotaram a prática de remeter capital a suas filiais através de empréstimos e outras modalidades de financiamento, ao invés de fazê-lo por meio de aumentos de capital social. Assim, incrementava-se artificialmente a dívida externa do País".

O diretor do Departamento de Mercados de Capital da IFC, David Gill, disse ontem, na conferência do Rio, que os países que adotam medidas de suspensão de pagamento, como a moratória brasileira, por tempo muito prolongado, "cedo ou tarde acabam se machucando".